

O PESADELO URBANO CONTINUA

Clássico que transformou **Robert De Niro** em um ícone da Nova Hollywood, **'Taxi Driver'** ganha exibição comemorativa de seus 50 anos no Festival de Tribeca e debate sobre **seu impacto inabalável na cultura popular**. Páginas 2 e 3

Um taxímetro que não baixa há 50 anos

TRIBECA
FILM
FESTIVAL

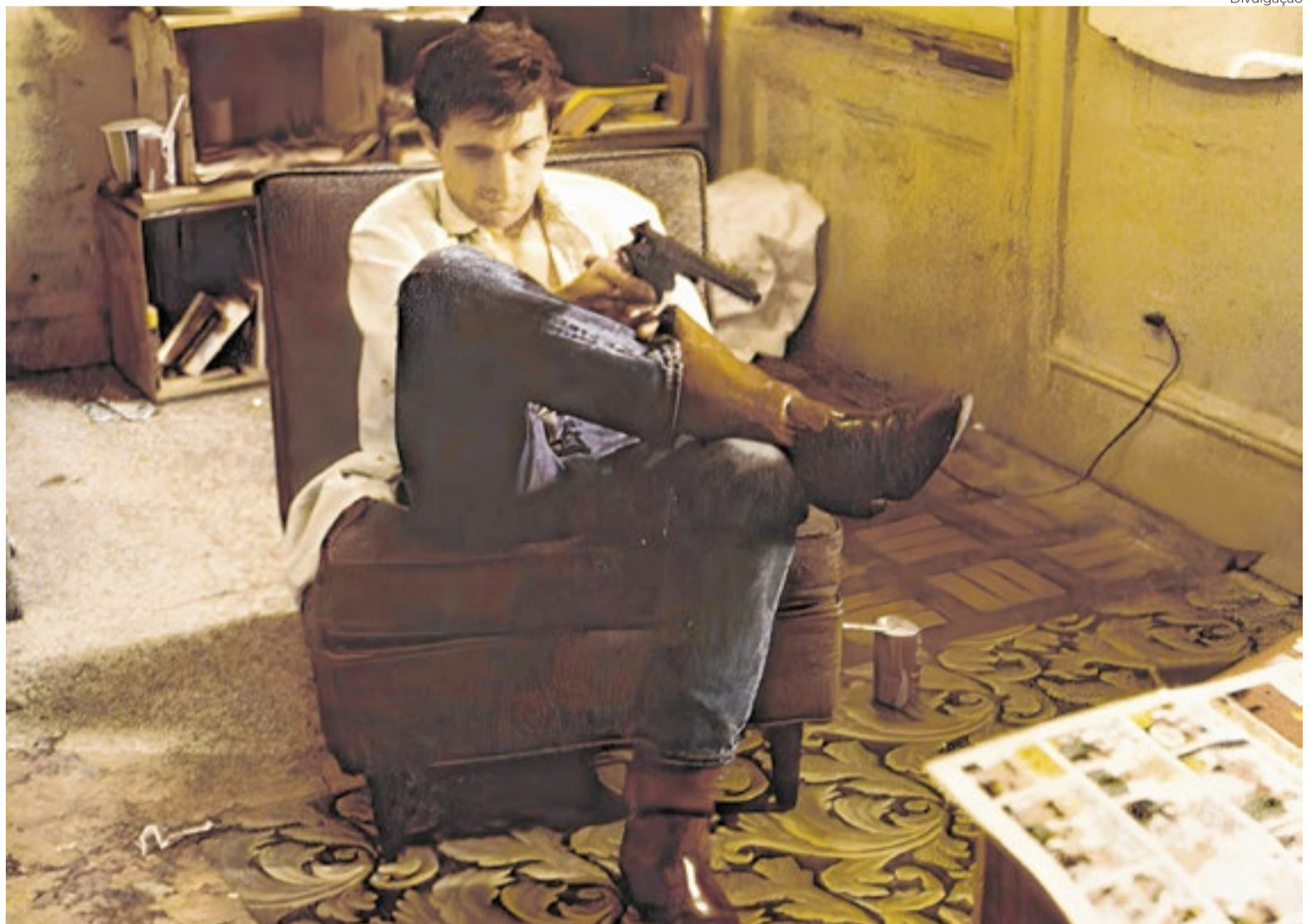
Longa-metragem que coroou Martin Scorsese com a Palma de Ouro de Cannes comemora seu cinquentenário no Festival de Tribeca, na mesma frenética Nova York que 'Taxi Driver' radiografou

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Disponível em streaming no Brasil na Prime Video, da Amazon, "Taxi Driver" voltou a ocupar o centro das atenções do cinema mundial no último fim de semana ao ganhar uma exibição comemorativa de seus 50 anos no Festival de Tribeca, em Nova Iorque, onde uma nova cópia restaurada do clássico de Martin Scorsese foi apresentada ao público. Cinco décadas depois de sua estreia, o longa-metragem que fez de seu realizador um titã continua a ser tratado como uma obra fundamental da arte audiovisual, capaz de atravessar gerações sem perder a força de seu discurso sobre solidão, violência e desintegração social.

A homenagem promovida por Tribeca recolocou em evidência um filme que nasceu de forma modes-



Divulgação



A jovem Jodie Foster, aos 13 anos, e Robert De Niro durante a retribunata passagem de 'Taxi Driver' pelo Festival de Cannes há 50 anos. Por falar francês, a adolescente concedia entrevistas em nome da equipe

Ao enquadrar Travis Bickle como um vigilante, à luz da metáfora cristã do Cordeiro de Deus, Scorsese arrancou de Robert De Niro uma atuação icônica em 'Taxi Driver'

ta, mas acabou transformado num marco da sétima arte. Produzido com um orçamento de cerca de US\$ 1,9 milhão, "Taxi Driver" encerrou sua carreira comercial com uma arrecadação de US\$ 28,6 milhões, desempenho expressivo para uma produção autoral lançada em meados dos anos 1970. O sucesso consolidou a ascensão de Scorsese e transformou Robert De Niro em um dos rostos mais emblemáticos da chamada Nova Hollywood.

Hoje associada de forma inseparável ao diretor de "Os Bons Companheiros" e "O Irlandês", a produção teve uma origem bem diferente. Quando o roteiro escrito por Paul Schrader chegou às mãos dos produtores Julia e Michael Phillips, a intenção inicial era confiar a direção a Robert Mulligan (1925-2008),

realizador de "O Sol é para Todos". Jeff Bridges era o nome mais cotado para viver Travis Bickle, o veterano do Vietnã que passa a trabalhar como taxista nas madrugadas de Nova Iorque e mergulha num processo de radicalização psicológica.

Em determinado momento, Brian De Palma também esteve entre os possíveis candidatos à direção. Mas o impacto provocado por "Caminhos Perigosos", lançado por Scorsese em 1973, alterou completamente o destino do projeto. Os produtores perceberam que aquela história exigia um cineasta mais próximo das inquietações de uma geração que começava a romper convenções estéticas e narrativas em Hollywood. A aposta em Scorsese revelou-se decisiva.

Com ele vieram Robert De

Aclamado em Cannes por atuação em filme de Rodrigo Sorogoyen, Javier Bardem assume papel que foi de De Niro na versão Apple TV de 'Cabo do Medo' e ferve sua verve política

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Aos 57 anos, completados em 1º de março, Javier Ángel Encinas Bardem vive uma fase rara na trajetória de um astro: aquela em que prestígio artístico, relevância política e apelo popular caminham lado a lado. Premiada com o Troféu Donostia no Festival de San Sebastián de 2024, distinção que acabou recebendo um ano depois do previsto em razão da greve dos atores de Hollywood, o espanhol atravessa um momento de plena maturidade criativa. Se Cannes o aplaudiu recentemente pela potência dramática de "El Ser Querido", de Rodrigo Sorogoyen, as plataformas de streaming o transformaram novamente em assunto obrigatório graças à série "Cape Fear", já disponível na Apple TV+ e também acessível por meio dos canais da plataforma dentro do Prime Video.

Na produção, Bardem assume um desafio que poucos intérpretes ousariam encarar: revisitar Max Cady, personagem eternizado por Robert Mitchum em 1962 e recriado por Robert De Niro no clássico dirigido por Martin Scorsese em 1991. Agora, sob supervisão executiva de Scorsese e Steven Spielberg, a trama ganha formato de minissérie em dez episódios, desenvolvida por Nick Antosca para a Apple.

A nova abordagem amplia a psicologia dos personagens e mergulha em zonas morais mais ambíguas. Amy Adams e Patrick Wilson vivem o casal de advogados Anna e Tom Bowden, cuja vida entra em colapso quando Max Cady deixa a prisão e retorna disposto a acertar contas. Diferentemente das versões anteriores, a série investe menos no terror físico e mais na corrosão emocional provocada pela culpa, pela mani-

O ser querido... e polêmico



Apple TV

“Estou a tentar ser mais empático a cada dia... E noto que certos fatos não mudam. O genocídio em Gaza é um fato. Posso ajudar de forma humilde trazendo esse assunto à baila”

JAVIER BARDEM

Caballo Films Le Pacte



Javier Bardem tem atuação de dar medo (de tão boa) como Max Cady em 'Cabo do Medo', no papel que De Niro celebrizou

Javier Bardem e Victoria Luengo em 'El Ser Querido', de Rodrigo Sorogoyen

filme em 2010 e entrou definitivamente para a história da Academia ao conquistar a estatueta por "Onde os Fracos Não Têm Vez", dos irmãos Coen, em 2008.

Seu período mais recente talvez seja o mais impressionante. Vieram "Todos Já Sabem", "Being the Ricardos", "A Pequena Sereia", "Duna", "Duna: Parte Dois", "Monstros: Irmãos Menendez", "El Buen Patrón", pelo qual voltou a ganhar o Goya, e agora "El Ser Querido" e "Cape Fear". Poucos intérpretes europeus conseguiram circular com tanta naturalidade entre o cinema de autor, os blockbusters e as séries de alto orçamento.

Ao receber o troféu Donostia, em San Sebastián, em 2024, Bardem foi celebrado justamente por essa capacidade de unir prestígio e popularidade. O festival basco reconheceu uma filmografia construída ao longo de quatro décadas e marcada por colaborações com cineastas como Alejandro González Iñárritu, Fernando León de Aranoa, Milos Forman, Woody Allen, Darren Aronofsky, Asghar Farhadi, Ridley Scott e os irmãos Coen.

O próximo capítulo dessa trajetória já está marcado. No fim deste ano, Bardem regressará aos cinemas em "Duna: Parte Três", conclusão da trilogia de Denis Villeneuve inspirada na obra de Frank Herbert. O ator volta ao papel de Stilgar, líder fremen que se tornou uma das figuras mais carismáticas da saga. O lançamento está previsto para dezembro e deverá colocá-lo novamente no centro de uma das maiores produções de Hollywood.

Entre o prestígio dos festivais, a força das plataformas e o gigantismo das superproduções, Javier Bardem parece atravessar uma fase em que cada novo trabalho reforça o anterior.

pulação e pela fragilidade das verdades jurídicas.

Bardem transforma Cady numa figura simultaneamente monstruosa e sedutora. Críticos americanos têm destacado justamente essa capacidade de gerar desconforto no espectador, que em diversos momentos se vê questionando quem merece sua simpatia. A série atualiza a paranoia do romance "The Executioners", de John D. MacDonald, para um mundo marcado por desinformação, revisionismos e desconfiança institucional.

Mas a temporada de Bardem não se resume ao streaming. Em Cannes, o ator espanhol voltou a demonstrar a intensidade que o transformou num dos intérpretes mais respeitados do cinema contemporâneo. Em "El Ser Querido", primeiro trabalho de Rodrigo Sorogoyen a disputar a Palma

de Ouro, ele interpreta Esteban Martínez, cineasta renomado que reencontra a filha atriz durante as filmagens de um longa e é obrigado a confrontar décadas de ressentimentos familiares.

A produção abriu um dos debates mais acalorados da Croisette neste ano. O reencontro entre pai e filha transforma-se numa investigação emocional sobre orgulho, afeto e reconhecimento. Ao lado de Victoria Luengo, Bardem conduz uma batalha interpretativa que confirma a sintonia entre o ator e uma geração de realizadores espanhóis interessados em explorar as fissuras da identidade contemporânea.

Foi durante a divulgação do filme que o ator voltou a usar sua visibilidade para tratar de questões políticas. Fiel a uma trajetória marcada pelo ativismo, ele reiterou seu posicionamento sobre a

guerra em Gaza. "Estou a tentar ser mais empático a cada dia. Estou a ficar mais velho e noto que certos fatos não mudam. O genocídio em Gaza é um fato. Posso ajudar de forma humilde trazendo esse assunto à baila. A mobilização muda situações. É importante poder olhar ao espelho e estar afinado com a sua ética", afirmou diante da imprensa internacional.

A disposição para o confronto público acompanha Bardem desde os tempos em que se consolidou como um dos rostos mais importantes do cinema europeu. Filho da atriz Pilar Bardem e integrante de uma das famílias mais tradicionais das artes espanholas, ele construiu uma carreira guiada por escolhas arriscadas. Foi indicado ao Oscar por "Antes que Anoiteça", recebeu nova nomeação por "Buitiful", venceu em Cannes por esse mesmo



Vinícius Teixeira
em 'Selva:
Solidão', no qual
dá vida a três
personagens

Em vidas cruzadas

Monólogo de Jefferson Almeida e Vinícius Teixeira, 'Selva: Solidão' reflete sobre vivências LGBTQIAPN+

Vinícius Teixeira, que acaba de encerrar sua participação na novela "Três Graças" como o personagem Vandilson, retorna aos palcos do Teatro Glauco Gill, em Copacabana, com "Selva: solidão", monólogo escrito por Jefferson Almeida e pelo próprio ator.

Neste solo Teixeira dá vida a três personagens: Jonathan, um atendente de fast food; Luiz Felipe, um garoto de programa; e Antônio, um professor universitário aposentado. As trajetórias desses três homens gays se cruzam na narrativa, servindo como ponto de partida para reflexões sobre os efeitos de crescer como pessoa LGBTQIAPN+ em um mundo heteronormativo. A peça se propõe a aprofundar questões complexas da comunidade — solidão, etarismo, relação com o corpo, ansiedade, depressão e abandono.

Teixeira enfatiza a importância de dramaturgias originais criadas por pessoas LGBTQIAPN+ ocuparem os palcos brasileiros. "Sinto

que é de extrema importância colocar dramaturgias originais escritas e pensadas por pessoas LGBTQIAPN+ nos teatros, nos palcos, nos livros, enfim, em toda a parte!", afirmou em entrevista. O ator ressaltou que o Brasil segue como país com maior número de assassinatos de pessoas LGBTQ+ há 14 anos consecutivos, o que torna projetos como "Selva: solidão" ainda mais necessários. "Sinto que estamos num momento, inclusive, em que as questões da nossa comunidade podem e precisam ser aprofundadas nesses projetos e discursos", complementou.

Segundo Teixeira, existe uma dificuldade significativa em viabilizar produções com essas temáticas. "Percebo muita dificuldade de viabilizar esse tipo de projeto, visto que muitas empresas não querem se associar a projetos que tratem de questões relacionadas a comunidade LGBTQIAPN+", explicou. Por isso, o ator defende que a própria comunidade ocupe os teatros e divulgue essas produções. "Por isso também costumo sempre dizer que é de extrema

importância que as pessoas da comunidade ocupem os teatros, divulguem essas produções e contribuam para que elas continuem existindo", afirmou. Teixeira acredita que essa participação é essencial para criar "um novo imaginário coletivo e uma comunidade com práticas mais saudáveis e acolhedoras".

O retorno aos palcos acontece em um momento de expansão na carreira do ator. Após passar por linguagens distintas — teatro, cinema e televisão — Teixeira vê em "Selva: solidão" uma oportunidade de demonstrar versatilidade. "Estou muito animado em trazer mais essa temporada aos palcos. A novela me proporcionou novos aprendizados e expandiu minhas ferramentas. Com essa nova experiência na bagagem, acho que coisas novas podem surgir nas minúcias da minha interpretação na peça", comentou.

O personagem Vandilson em "Três Graças" tinha uma personalidade radicalmente diferente dos três que interpreta na peça. "Uma das coisas que mais tem

“Sinto que é de extrema importância colocar dramaturgias originais escritas e pensadas por pessoas LGBTQIAPN+ nos teatros, nos palcos, nos livros, enfim, em toda a parte!”

VINÍCIUS TEIXEIRA

me empolgado nesse retorno da peça pós-novela é justamente isso. Meu personagem em 'Três Graças' tinha uma personalidade totalmente diferente das dos três que interpreto na peça. É muito interessante ter a possibilidade de mostrar essa versatilidade e esse outro lado do meu trabalho", co-

memora.

Teixeira também mencionou que a visibilidade conquistada na novela das 21h pode atrair novo público para o teatro. "Além disso, o horário nobre da televisão é muito visto, isso expande muito a visibilidade do meu trabalho. Sou muito feliz fazendo essa peça, e acredito muito que a temática dela tem uma grande importância. Fico empolgado de pensar que, depois da novela, mais pessoas possam assistir e ter acesso às questões e reflexões que a peça levanta", disse. O ator expressou satisfação em conseguir seguir atuando em múltiplas linguagens em um país que desvaloriza a cultura. "Num país que desvaloriza tanto a cultura e com um mercado tão precarizado, fico feliz de conseguir seguir atuando e passeando por muitas linguagens diferentes", comentou.

Após a temporada de "Selva: solidão", Teixeira segue com outros projetos. O ator estará na montagem de "Beijo no asfalto", de Nelson Rodrigues, ao lado de Eduardo Sterblich, Luísa Arraes, Ernani Moraes e André Mattos. Além disso, aguarda o lançamento de "Corpo Clandestino", filme produzido pela Caboré em que interpreta o antagonista Augusto. Também está na pós-produção de "Sangre", filme em parceria com o diretor Caio Scot, com previsão de participação em festivais.

SERVIÇO

SELVA: SOLIDÃO

Teatro Glauco Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº)
De 4 a 26/6, quintas e sextas (20h) | Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Xande entra em campo

Às vésperas da Copa, sambista lança clipe de 'Vento', faixa que viralizou com 14 milhões de execuções nas plataformas digitais

AFFONSO NUNES

Xande de Pilares coloca o samba em campo para a Copa do Mundo de 2026. O artista acaba de lançar uma versão especial de "Vento", composição de Julio Cezar Martins Macabu que ganha novos elementos visuais e sonoros. O clipe, disponível a partir das 18h nas plataformas digitais, foi gravado na Escadaria da Bandeira do Brasil, na Rua Sacadura Cabral, na região portuária do Rio — um dos endereços mais simbólicos da história do samba carioca.

A música não é nova. Lançada em agosto de 2025 como faixa do audiovisual "Nos Braços do Povo Vol. 1", "Vento" já acumula mais de 14 milhões de reproduções em plataformas digitais. A canção viralizou nas redes sociais e agora ganha este clipe casado com o momento festivo do futebol brasileiro às vésperas de mais um mundial.

O audiovisual tem direção e produção de Rômulo Menescal,

da Lord Bull Filmes, e direção criativa de Bruno Miranda.

A letra da música trabalha com metáforas ligadas ao movimento e transformação — "pode tudo mudar, é uma ventania que vem me levar" —, verso que remete aquele sentimento de mobilização coletiva que precede um Mundial.

A locação do clipe é a Escadaria da Bandeira, na Pequena África. Ela foi pintada em 1998 pela moradora Márcia Regina e é renovada a cada quatro anos com as cores da bandeira nacional, tornando-se um point carioca.

No vídeo, Xande de Pilares divide a cena com passistas e integrantes de cinco escolas de samba: Salgueiro, Paraíso do Tuiuti, Beija-Flor, Portela e Mangueira. Crianças e capoeiristas também participam do elenco, evidenciando a potência artística de nossas comunidades.

Xande começou sua carreira aos 16 anos tocando cavaquinho em pagodes da Zona Norte carioca, enquanto trabalhava como metalúrgico. Em 1992, ajudou a fundar o Grupo Revelação. Com nove álbuns e quatro DVDs pelo



Xande de Pilares na Escadaria da Bandeira, point carioca que serviu de cenário para o clipe

grupo, Xande construiu uma linguagem própria no samba. Sua carreira solo, iniciada paralelamente, incluiu trabalhos como "Perse-

verança" (2016) e colaborações com artistas como Caetano Veloso ao gravar um álbum com versões em samba para grandes sucessos

do artista baiano. "Xande Canta Caetano" conquistou o prêmio Latin Grammy de Melhor Álbum de Samba/Pagode em 2024.

É noite de Cazuzza no Municipal

Poeta-símbolo de uma geração é o grande homenageado da 33ª edição do Prêmio BTG Pactual da Música Brasileira

O Theatro Municipal recebe nesta quarta-feira (10) a 33ª edição do Prêmio BTG Pactual da Música Brasileira, que dedica sua cerimônia a Cazuzza. A noite reunirá artistas de diferentes gerações para interpretar clássicos do homenageado em performances criadas especialmente para o evento, enquanto serão revelados os vencedores das 18 categorias da premiação.

Cazuzza deixou um legado fun-

damental na nossa música popular. Canções como "Exagerado", "O Tempo Não Para", "Codinome Beija-Flor" e "Brasil" permanecem no repertório da música brasileira. A escolha do homenageado foi aprovada por unanimidade pelo Conselho do Prêmio, integrado por Gilberto Gil, Ney Matogrosso, Zélia Duncan, Karol Conká e Antônio Carlos Miguel.

A cerimônia, apresentada por



Cazuzza tem sua obra celebrada na premiação desta quarta

Débora Bloch e Alice Wegmann, com direção geral de Giovanna Machline e Zé Mauricio Machline, contará com direção musical de Pretinho da Serrinha. Os artistas confirmados para as performances são Seu Jorge, Ney Matogrosso, Chico Chico, Ludmilla, Lazzo Matumbi, BNegão, Luedji Luna, Maneva, Marina Sena, Zizi Possi, Luísa Sonza e Simone. Cada apresentação foi concebida para revelar novos diálogos entre diferentes vozes a partir do repertório do homenageado.

A 33ª edição reconhecerá a excelência da produção musical brasileira do último ano. Entre os indicados estão João Gomes, Marisa Monte, Ana Castela, Djavan, Emicida, Chitãozinho & Xororó, Alcione, Daniela Mercury, Ivete Sangalo e Geraldo Azevedo, entre outros. (A. N.)

CRÍTICA DISCO | SAMBADA

POR AQUILES RIQUE REIS*

Hoje é dia de “Sambada” (independente, sem incentivo público, nem apoiadores, já disponível nas plataformas digitais), álbum com coco de roda e beats eletrônicos do poeta, compositor e percussionista pernambucano DMeloCoco. Nascido no Recife, em 1983, e criado em Camaragibe, DMelo achegou-se ao coco desde sua infância em Bom Jardim, cidade do Agreste pernambucano. Para que tenham noção do calibre do cara, digo-lhes que DMelo tem o coco nas veias e com ele consegue contaminar as veias alheias (dessa percepção vem o título deste texto); e que, desde 2016, ele integrou e colaborou com vários grupos da cena musical e cultural independente, como o Menestréis Cantador e o Coco dos Capoeira, dentre outros.

Em “Sambada”, ouve-se e atenta-se para a importância do coco, gênero musical precursor da ancestralidade nordestina, que se entrelaça aos seus coirmãos de energia e sedução. Sempre partindo do coco de roda, praticado na Zona da Mata do Agreste de Pernambuco, estabeleceu-se uma conversa do coco com a cabula, o rap, o trap, o funk, o soul e, pelas mãos de DMeloCoco, também com o noise eletrônico. Mirando o foco na sonoridade da tradição e da contemporaneidade, e para que tudo se ouça sem isolamentos, apenas mesclando para multiplicar, DMelo tira do coco qualquer tipo de ranço anacrônico. Assim é Sam-



DMeloCoco tem o coco correndo nas veias e tem autonomia para misturá-lo com beats eletrônicos em ‘Sambada’



Divulgação

O álbum inicia com “Canção Para o Povo da Rua”, que nada mais é do que um chamado coletivo ao conagraamento, à festa e à cidadania cultural. Na sequência, “Morubá” mistura a

batida do trap com atabaques que evocam toques de terreiro (também em versão audiovisual, lançada junto com o álbum). Logo depois, “Caboclo de Família” revela a ancestralidade indígena e a sua ligação com a terra que cuida e onde se habita. “Paranambuca” traz o grave do maracatu, em homenagem explícita ao nome do estado. Já “Capoeira Odoya” tem o movimento corporal de defesa, enquanto a religiosidade prepondera. “Carta Pra Cecy” inicia com o acordeom, enquanto DMelo declama os versos, plenos de memórias infantis. E “Um Bom Começo” traz o balanço nordestino para o proscênio, entoado por DMelo, com suingue arretado, apoiado por sanfona e coro feminino. Por fim, “Lasca Vara” é cereja no bolo: numa levada instigante, clama ao poder de criação, enquanto seus versos preparam para o gran finale da sambada de DMeloCoco. Ouça o álbum em <https://acesse.one/assx6ki>.

É tempo do renascer do coco que ajunta as gentes!

bada, um CD criado e desenvolvido a partir de maracatu, caboclinho, capoeira, ciranda, baião e samba.

Com a percussão pautando os

arranjos de guitarra, sanfona, pífano e baixo, os instrumentistas se expressam em extraordinário conagraamento com os tambores, que batem

e realçam os valores afro-brasileiros – todos imbuídos de uma força tamanha que faz os corpos estremece-rem em consonância!

Ficha técnica

Vinícius de Farias: produção; Zé Freire: violão de sete cordas; Iko Brasil: pífano.

*Vocalista do MPB4 e escritor

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Marcos Hermes/Divulgação



Um prévia do álbum

A banda Yahoo acaba de lançar o single “O Que Falta Pra Você”, em parceria com a cantora Ana Vilela. A música, disponível nas plataformas digitais pela STRM Music, marca a celebração do Dia dos Namorados e antecipa o álbum “Saudade”, previsto para o segundo semestre. “O nome da Ana Vilela veio muito rápido para nós. Ela é uma artista maravilhosa, que a gente sempre admirou desde ‘Trem Bala’. Chegou para agregar demais e cantou maravilhosamente bem”, conta o vocalista Zé Henrique, ao falar da colaboração com a cantora.

Divulgação



Tempo de futebol e forró

Os Barões Da Pisadinha lançam “Até Virginia Vaquejou”, faixa que, em tempos de Copa do Mundo, junta futebol e forró numa celebração da nossa cultura popular. Com refrão contagiante e linguagem bem-humorada, a música chega em junho, período de São João e Copa do Mundo. O duo baiano, formado por Rodrigo e Felipe, segue entre os principais nomes do forró contemporâneo, com bilhões de streams acumulados. A faixa integra o projeto recente “É Assim Que O Povo Gosta”, ao lado de Iguinho & Lulinha.

Divulgação



Rompendo contradições

O Superalma lança “Diva Material Espiritual”. A faixa composta pelo grupo formado por Bella Vox, Frankstation e U.F.O., mescla pop alternativo com elementos exóticos como sitar e sample de Madonna. A música questiona o machismo estrutural do mercado e o consumismo de aparências. “Tentei esconder lados meus que pareciam contraditórios. Estar no caminho da espiritualidade, amar física quântica, e ainda amar brilho, moda e o sonho de ser popstar. Fizemos a gente acreditar que eram incompatíveis”, diz Bella Vox.

Casa Museu Eva Klabin abre 'Nossa América', mostra que promove diálogo da arte contemporânea com peças do acervo clássico andino

AFFONSO NUNES

A Casa Museu Eva Klabin inaugura nesta quinta-feira (11) a exposição "Nossa América", que reúne cerâmicas, fotografias, grafismos e obras de artistas contemporâneos e ancestrais ligadas a diferentes tradições das Américas. A mostra, com curadoria de Camilla Rocha Campos (diretora artística da instituição) e Claudia Jaguaribe (artista visual e fotógrafa), propõe um diálogo entre o acervo histórico de arte andina da Casa e produções visuais que atravessam séculos, mantendo vivo tanto o ancestral quanto o contemporâneo.

Para as curadoras, imagens e objetos não são apenas documentos do passado, mas presenças ativas capazes de construir leituras próprias sobre história, território e as relações entre humanos, natureza e espiritualidade. A exposição se orienta pela noção de temporalidade ch'ixi, formulada pela socióloga boliviana Silvia Rivera Cusicanqui — um campo de coexistência em que o ancestral e o contemporâneo não se sucedem, mas se mantêm em tensão produtiva. Dessa forma, cerâmicas, grafismos, pinturas e imagens fotográficas respiram no presente, moldando o agora sem perder suas raízes.

A pluralidade da mostra ganha forma em trabalhos de coletivos e artistas como Ateliê Arte Mangué Marajó (ceramistas da Ilha do Marajó), Billy Hare (fotógrafo peruano), Cisco Merel (artista panamenho que trabalha abstração a partir de arquitetura e contrastes sociais), Emilia Estrada (argentina radicada no Rio), Gabriella Marinho (pesquisa com barro e terra), Jaider Esbell (artista Macuxi), Julia Isidrez (ceramista paraguaia de matriz Guarani), Laíza Ferreira (artista que investiga corpo, botânica e memória), Martín Chambi (referência da fotografia andina), Olinda Silvano (artista Shipibo-Konibo e maestra do kené), Uýra (artista de Santarém), Yael Martínez (fotógrafo mexicano da Magnum Photos que aborda violência e memória), Yaka Huni Kuin (integrante do MAHKU) e outros nomes vinculados a diferentes povos e territórios das Américas.



AMERICANIDADES

A exposição parte da ideia de que as imagens e objetos não pertencem apenas ao passado, nem devem ser vistos como documentos arqueológicos ou registros isolados de uma tradição



SERVIÇO
NOSSA AMÉRICA
 Casa Museu Eva Klabin (Av. Epitácio Pessoa, nº 2.480 - Lagoa)
 De 11/6 a 6/9, de quarta a domingo (14h às 18h)
 Entrada franca